

Percorrer *Guynea* (designação antiga da Guiné-Bissau) verso a verso, com a alma descalça e os sentidos despertados, é esse o convite que nos faz Arlinda Mártires ao longo destes poemas.

Quem o aceita, deslumbra-se com o florir das acácias rubras, sente o ritmo alegre, despreocupado e frenético de *Santa Luzia, onde a noite pega com o dia*. Depois, embaçado pelo *ventinho rasteiro da estação seca*, ou envolvido pela chuva torrencial da *estação das chuvas*, chega a *Mansoa*, onde é enfeitiçado pelo canto da rola da Abissínia, ou a *Cacheu*, para sepultar as memórias enferrujadas do Império já ido.

Em *Quinhamel* emerge a natureza ferosca de onde desponta o amor à terra e a alma humana em tons quentes e odores agridoces exalados pelo cajual.

Percorre o *Cais de Pidjiquiti*, mar de gente onde *tardam barcos e canoas*, disposto, talvez, a embarcar no *Sambuia* para navegar *além do Passado*.

De repente, surge *Rubane*, ilha de águas e gentes serenas, vivendo cada momento efêmero sob o signo da alegria, já que o *inverno* é apenas imaginado.

Ao longo desta travessia, o leitor jamais se sentirá só. Encontra a dimensão humana, sempre aliada à natureza que surge com maior intensidade através do *menino de criação* (puro, verdadeiro e simples, cuja felicidade se constrói pelas pequenas coisas que o nosso mundo consumista há muito esqueceu), na *bajuda* que *prende* de amores o cooperante, na *tecedeira de cabelo*, na *bidera*, nas *lavadeiras*, no *costureiro*, em *Quinta* ou ainda na sublime dignidade e nobreza de *Abass*.

Enfim, mais do que traçar este percurso, importa ler, saborear e atravessar cada poema, sem demora, para descobrir aguarelas de vivências e sentimentos que aquecem a alma à maneira do sol do Equador.

Dora Gago

Professora e escritora

Em Sta. Luzia
pega a noite com o dia.
Estrada de Plubá
kandongá, toka – toka
para cá, para lá.
Bicicletas, motoretas,
povo a pé
para lá, para cá.
Panos garridos
de pente e legoss
bacias, balaaios,
caju, *mankarra*, cabaceira,
mangu, banana, papaia.
“Miseria ka ten?
Sõ miseria ke nô ten.”

II

estação seca

Janeiro

sopra ventinho rasteiro
levanta a terra vermelha
entra na boca, na orelha,
entranha-se no pulmão.
De tudo faz sua cama
do chão até ao poilão
passa por casas e leitos
leva vírus e maleita
de uma vez se deita
depois do primeiro trovão.

III

estação das chuvas

Cai a chuva
em catadupa
lava matas e casas
(a outras leva)
lava corpo, não a boca.
Escorrem rios
pelo telhado.
Pela estrada
lagoas de água vermelha,
morna, parada,
berço de coaxar de rãs,
cólera, malária,
morte.

Mansoa

Descalça
chega
a manhã a Mansoa.

Aflautado
ergue-se
o canto da rola d'Abissínia
ecoa
na lala verde aguarela
e nas luas d'água.

Branco
sobe
o fumo das fogueiras
paira
acima do colmo dos telhados
enlaça
a neblina nas palmeiras.

Breve
atrasa
o sol do Equador
refresca
o sono nas esteiras
adia
o *kuntangu* na panela,
mata-bicho, janta, ceia.

Índice

6	Anteprecurso
9	acácias rubras
	STA. LUZIA
12	I
13	II – estação seca
14	III – estação das chuvas
15	Mansoa
17	Cacheu
18	Quinhamel
21	CAIS DE PIDJIGUITI
22	I
23	II
24	III
25	Sambuia

27	RUBANE
28	I
29	II
30	III
31	menino de criação
32	bajuda
33	tecedeira de cabelo
34	bidera
35	lavadeiras
36	costureiro
37	a minha vizinha
39	Quinta
40	Abass
41	feito pedra